

Notas

A nova geração do Cinema Brasileiro

Quico Meirelles (que cursa Audiovisual na USP, à esquerda na foto) e Pedro Morelli (estudante de Cinema da mesma universidade, à direita) vieram ao Dante a convite do Departamento de Língua Portuguesa, no dia 26 de março, para falar aos alunos das 3^{as} séries do Ensino Médio sobre o filme *Ensaio sobre a cegueira* (*Blindness*), apresentado na abertura do Festival de Cannes deste ano e com estréia prevista no Brasil para setembro. A obra, uma co-produção do cinema nacional com o Canadá, o Reino Unido e o Japão, é baseada no livro homônimo (adotado na Escola para os terceiranistas), do escritor português José Saramago. A direção é de Fernando Meirelles, pai de Quico e um dos sócios da O2 Filmes (responsável pela produção brasileira). O pai de Pedro, o diretor Paulo Morelli, também é sócio da produtora.

Pedro participou das filmagens como estagiário da figuração (foram mais de mil figurantes para representar a população de uma cidade em que todos ficam cegos), e Quico estagiou na assistência da direção. No Dante, os dois exibiram, pela primeira vez, o documentário *Um dia no escuro*, que realizaram como laboratório para o filme *Ensaio sobre a cegueira*. Nele, a dupla passa 24 horas em uma casa com mais quatro pessoas, todos vendados. O curta divertido provocou risos na platéia, mas também uma reflexão sobre os efeitos da cegueira coletiva na casa.



Sandro Mitter

Após a apresentação do documentário, os alunos saciaram suas dúvidas sobre o trabalho no cinema, os cursos de Quico e Pedro na faculdade, e discutiram também um pouco sobre o livro de Saramago. As 3^{as} séries do Ensino Médio estavam, naquela semana, finalizando um documentário sobre a mesma obra. "Foi muito rica a visita ao Dante porque discutimos com o público, pela primeira vez, as questões do nosso filme", diz Quico. "E ainda demos idéias para os documentários deles", conclui Pedro.

Cores e boa música da Itália no Dante



João Florêncio

Enquanto os músicos Enzo Favata e Marcello Peghin executavam os arranjos de música italiana em seus instrumentos (saxofone, clarinete, violões acústicos, e outros étnicos de sopro livre), o artista visual Mariano Chelo desenhava, de improviso, de acordo com a inspiração que os sons lhe traziam. As imagens, de cores e traços que acompanhavam a cadência das músicas, eram projetadas em uma tela atrás dos músicos, em um auditório apenas parcialmente iluminado. "O público se hipnotizou com a união das cores e dos sons, foi um momento para nos abandonarmos à visão e à audição", comenta Luigina Peddi, diretora do Istituto Italiano di Cultura de São Paulo. O órgão, em parceria com o

Consulado Geral da Itália em São Paulo, foi responsável pela promoção da bela apresentação Música: Colore & Spirito, que aconteceu no Dante no dia 6 de junho em comemoração ao 62^o aniversário da República Italiana. O repertório incluiu música popular da Sardenha (ilha italiana), jazz e uma homenagem à música brasileira, com a interpretação de uma canção do compositor e arranjador Egberto Gismonti. "Achei fantástico, um espetáculo de grande gabarito, com músicas muito bem executadas e uma composição visual incrível", opina Marco Marsilli, cônsul da Itália em São Paulo, que esteve presente.

“Apagar as luzes e aceitar o escuro”

"Antes que vocês me façam perguntas sobre minha obra, preciso dizer que me esqueço de meus livros depois que os escrevo. Senão os personagens tomam conta de mim. Então perdoem se eu não me lembrar de algo, sinto vergonha". Foram as primeiras palavras do escritor moçambicano Mia Couto na palestra ministrada no Dante no dia 26 de março (e promovida pelo Departamento de Língua Portuguesa) aos alunos das 3^{as} séries do Ensino Médio - mas que também foi assistida por professores e funcionários, o que resultou em um auditório Miro Noschese lotado por um público atento às palavras do autor africano. A declaração de Mia Couto no início da palestra retrata a necessidade do autor de expurgar a amplidão que cada livro seu guarda, para conseguir se afastar, e então se preparar para o envolvimento com novos personagens e histórias. Não é à toa que ele tenha essa necessidade: em seus livros, a linguagem fácil de acompanhar e até mesmo o humor convivem com elementos fantásticos da cultura africana, crenças daquele povo, apontamentos sobre o preconceito racial e a

formação de estereótipos, e referências constantes à guerra que matou mais de um milhão de pessoas e culminou na independência de Moçambique, em 1975. "A literatura ajuda a recobrar a ferida e a transformar a dor da guerra em história", disse Couto. Para tratar das memórias dolorosas de modo a permitir que elas cicatrizem, o autor revelou o segredo: "Temos que fazer da tristeza nossa amiga, não fugir dela. E apagar as luzes dentro de nós, aceitando o escuro sem medo, para podermos enxergar as estrelas".

O Colégio adota dois títulos de Mia Couto para os alunos do Ensino Médio: *O outro pé da sereia* e *O último vôo do flamingo*. O autor soube disso apenas durante a viagem ao Brasil. "Fiquei muito feliz, para mim foi uma surpresa. Fiquei aflito com isso no começo porque achei que poderia ser a morte do livro, se tivesse havido uma relação fria desses jovens com a literatura. Mas hoje vi aqui que foi muito mais que isso, os alunos perceberam muito dos meus livros e refletiram de verdade", comentou Couto.



João Florêncio



João Florêncio



Cartas



“ Em meu nome e em nome de toda a equipe do Ca'd'Oro, gostaria de agradecer a linda e generosa matéria alusiva à nossa empresa, publicada na edição nº 8 da excelente revista Dante Cultural. Como ex-aluno dessa gloriosa escola, à qual muito devo pela minha formação, fiquei duplamente feliz e emocionado.

Aurelio Guzzoni
Diretor-presidente
Indústria de Hotéis Guzzoni S/A

“ Gostaria de parabenizar a equipe pela excelente qualidade de suas matérias.

Durval Paupério Sérgio

“ Bela, como sempre, a Dante Cultural. Apreciei a matéria "A Mérica da Colheita" e os tristes e heróicos acontecimentos da história do Palestra Itália.

Lino Pretto